



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

A CLASSE OPERÁRIA TÊXTIL luta por aumento de salários

Um aumento de salários que corresponda ao actual custo da vida, não é apenas um desejo da classe têttil, mas sim uma necessidade que todos sentimos na própria carne, por termos agravar-se todos os dias a nossa situação.

Perante a alternativa de morrer de fome ou lutar para que os nossos problemas sejam atendidos, a classe têttil sempre escolheu o campo da luta. E que a sua experiência, aliada à experiência dos trabalhadores portugueses, sempre nos disse que os patrões e o Governo que os defende não só não pretendem melhorar-nos por pouco que seja a nossa situação como procuram explorar-nos ao máximo e impedir por todos os meios que sejam atendidos em nossas justas reivindicações.

Hoje, depois de 33 anos de regime opressor e de promessas, a classe têttil verifica que a sua situação é cada vez pior, que os grandes patrões e Governo não como sanguessugas, que nos têm levado a uma pauperização que na Europa apenas é igualada na vizinha Espanha.

Mas os trabalhadores, coactos da sua força e da que a unidade é a sua melhor arma para a acção, levantam-se no País, em jornadas nacionais por aumento de salários e ordenados, alguns dos quais, pela sua persistência e valentia, já saíram vitoriosos. E o caso dos pescadores da praia de Matosinhos depois de mais de 2 meses em greve, dos estivadores e dos operários da Carris, do Porto.

E a acção dos trabalhadores que está a operar no País que já levou o Governo a tirar a nuca para a promessa de aumento de salários e forçou Salazar a mostrar quem é, quando no seu último discurso afirmou que os

salários não podem ser aumentados, apesar de serem os operários os produtores da riqueza nacional.

Neste momento, as vitórias obtidas pelos pescadores, estivadores e operários da Carris Co. Porto, aliada à conquista de aumentos parciais noutras classes e à acção que se está a desenvolver em todas as classes trabalhadoras de Norte a Sul, são um estímulo, uma ajuda e uma certeza para toda a nossa classe de que seremos capazes de conquistar o aumento de salários que pretendemos.

Salazar diz que não, o seu objectivo hoje, dado que a promessa já nada dá, é a intimidação. Mas uma coisa é o seu desejo e outra, bem diferente é a vontade para si, é a vontade e a força da classe operária.

Se aqui, como em qualquer país nunca força alguma foi capaz de suetar as forças da classe operária, muito menos hoje que os seus exploradores se enfraqueceram e Salazar se debate no agonia, o poderio conseguir.

Fomos cerca de 80.000 têtteis que com os nossos familiares ronda a casa dos 500.000. Quem nos poderá, pois, impedir a conquista do aumento? Os patrões, que são uns centos, ou Salazar, «tigre de papel» que tem os dias contados?

É subido que não e assim o compreende a classe têttil, que se organiza, se une e luta pelo aumento.

Na Covilhã, uma comissão de 10 têtteis foi mais uma vez junto do I.N.T. exigir que o novo Contrato Colectivo do Trabalho, seja.

Em Portozondo, depois de várias demarches da classe junto do sindicato, cerca de 40 operários, delegados das 20 empresas locais, foram no sin-

O POVO TRABALHADOR

quer que Salazar se demita

Além de a arrolamento dos Comunistas de Braga, Vila Real, Lisboa e dos estudantes das 3 universidades, assinados no seu conjunto por mais de 800 pessoas, o povo português, particularmente a classe operária, através de abaixo-assinados, de cartas e telegramas, de manifestos e tarjatas, de legendas e de muitas variadas formas exige a demissão de Salazar, principal responsável pela miséria e atraso em que vive o País.

Em Portugal e onde quer que os portugueses se encontrem, tanto em África como nos Países da Europa ou América do Sul, a sua voz se levanta contra um regime que é odiado por todos, que submete o povo laborioso a feroz e constante repressão e teima em não atender a Nação que quer que Salazar se demita.

É Salazar que personifica a reacção mais desenfreada, que vende as riquezas nacionais para obter maiores lucros e arrasta o País para a guerra através dos Pactos militares do Atlântico e Ibérico e envia a nossa juventude para a Índia negando-se a aceitar negociações com o governo indiano para que o problema de Goa seja resolvido de forma pacífica e não dê lugar a efusão de sangue.

É a mando de Salazar que as forças repressivas prendem e torturam. É Salazar que teima em não atender o pedido de Amnistia para todos os presos e perseguidos políticos. É Salazar que mantém o País no mais baixo nível de vida da Europa e impede que os salários, jornas e vencimentos sejam aumentados.

Um tal regime não está desde há muito condenado. As forças salazaristas isolam-se. É o povo que se levanta, que não quer repressão nem Salazar, que quer os salários aumentados e quer Paz.

Particularmente a classe têttil que vive com salários baixíssimos e dificuldades sem conta e que desde as últimas eleições tem dado provas de combatividade e firmeza em defesa das suas reivindicações e pela democracia, deve continuar, o mais firme e unida possível ao lado de todas as outras forças progressistas da Nação, por todos os meios ao seu alcance, a exigir a demissão de Salazar.

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁG.ª)

dição para discutir o CCT.

Dada a pressão dos têxteis da Serra da Estrela junto do sindicato do I.N.T. e do M. das Corporações, o Governo tenta quebrar a sua combatividade, oferecendo-lhes um aumento de 40 por cento sobre o salário base. Porque este aumento não corresponde ao actual custo de vida, os têxteis da Serra da Estrela continuam firmes em defesa dos 55 por cento sobre o trabalho à tarefa ou 60 sobre o salário base.

No Porto, têxteis de várias empresas lutam pela revisão do C.C.T. e por aumento de salários de 40 a 100 por cento.

Em Braga, uma comissão de têxteis que representava várias empresas apresentou no sindicato, em nome da classe local, o pedido de aumento de 75 por cento. A direcção, de acordo com a classe, enviou ao M. das Corporações o pedido formulado.

Em Guimarães, 400 têxteis da cidade, de Pevidim, de Cumpelo, etc., concentraram-se no sindicato com a presença do Delegado do I.N.T. para discutirem a proposta do sindicato sobre aumento de salários. O Delegado, que ganha forte mesada da estatal directis e ocupa o seu cargo para defender quem nos explora, impediu que os operários falassem e defendeu que os têxteis devem ser mais explorados, pois, segundo Sua Excelência, ainda temos carne e pele em cima dos ossos para nos tirarem. Assim, aconselhou que devíamos era trabalhar com mais teares porque ele, em digressão pelo Congo Belga, « chegou a ver trabalhar com 100 teares ».

Companheiros e companheiras têxteis! A ganância de quem explora não tem limites. Mas se nos chinamos e lutarmos, nada há que possa impedir a conquista dum salário melhor.

O aumento de salários terá que ser um facto. A sua obtenção rápida dependerá, no entanto, da actuação de cada companheiro e companheira junto dos seus colegas para que em todas as empresas nos organizemos em comités, nos unamos e exijamos um aumento de salários compatível com o actual custo de vida.

Além da sua força numérica, a classe têxtil tem, desde que se una e organize, recursos que a poderão levar a formas superiores de luta, se a isso tiver do recorrer.

Naquele domingo, ali à sombra do camaranchão da civicidade, em durar o patrão sempre pronto a dar um castigo ou um raspano por não cá aquele filho, estavam os amigos e companheiros de trabalho, como que em família, alegres e contentes, em conversa amena sobre a última agitação eleccionaria na terra em defesa do aumento de salário, e pela demissão de Salazar.

O tio Bernardo, homem experiente e com a autoridade que lhe dava a idade e os 22 annos de labuta à beira dos teares dizia para a assistência que o escutava com respeito: « pois-tuquem sabendo que isto não poderá estar por muito... Quando por aqui apparecem estes papéis e se fala abertamente e se salários devem ser aumentados e Salazar demitido, o patrão o que vai por este País fora ».

Fez-se silencio. Alguém avisou que se se aproximava gente. Vendo tratar-se de João e Anur, a assistência continuou.

« Tudo isto é muito bom de dizer e devia ser assim, replicou o Nabalos, conhecido na terra por « medricas », que acrescentou que todos os teares estão contentes e que ganhemos da ida das eleições, sendo ficar tudo como antes? Cuidadinho, sendo o que ainda succede é alguns serem presos ou o patrão os pôr no olho da rua, que é o que eles fazem com mais facilidade, lá para estender a seu relambido, quando lá vão o, interesses... »

« Companheiros, para o Nabalos é certo que os patrões podem despedir e que a Oposição não conseguiu, nas eleições, vencer o salarizante, mas não é só conta que os patrões são apenas uns cantos e nós temos de 50 mil, apoiados por todos os trabalhadores do País e a classe operária municipal. »

« É certo que os patrões procuram despedir ou fazer mil tralucinhos quando isso lhes convem e que o Governo continua no poder apesar do País inteiro ter votado no candidato Humberto Delgado. »

« Mas não verificamos nós que o País se levanta e que todos os meses milhares de trabalhadores se lançam na luta pela obtenção dos seus direitos e pela demissão de Salazar? »

« O Nabalos ainda não foi capaz de ver que por toda a parte os operários comprehendem que são uma força que unida é invencível e acabaram por deixar de temer o papão. »

« E são os exemplos que fazem como gente, alertou Anur. Ou desconhecês que ainda recentemente os pescadores de Matosinhos, dado a sua luta persistente acabaram por conquistar o aumento? E não sabemos nós que os nossos companheiros da Serra da Estrela, com o auxílio do Governo um aumento de 40 por cento e que toda a classe está em luta quer seja em Lisboa, Porto, Braga ou Guimarães? »

« Ze Roia, levantando-se do banco, dirigiu-se para o meio dos companheiros, dizendo: « Vamos aqui uma bandeira que nos mostra que não estamos só e nos aconselha como actuar. Era a « Fétil ». Todas se acercaram para ver e ouvir melhor. Ze Roia continuou. Aquel diz: « Desde o aparecimento do proletariado, que existia em sua experiência que o capitalismo, seu explorador, se cede diante do nosso movimento. Com a nossa força e verdade, mais certo que esta? Então o salário e todos os regalar que temos, apesar de

magrar, não são o resultado da acção da classe? Não verificamos nós que os patrões, apoiados pelo Governo, tentam diariamente roubar-nos estas magras regalias e que são os operários, quando se unem, que fazem recuar os patrões e impõem os seus direitos? Pois se assim é, este formal tem razão quando nos afirma que somos uma força que unida e organizada é capaz de conquistar o aumento e que o Governo, diante do povo que se levanta e engrasça a sua acção dia a dia, terá que ser vencido. »

« Ora cá está uma verdade que há muito desejava ouvir, salientou o tio Bernardo. O alar é que aqui, nós não estamos unidos e os patrões são como sobras no serião. »

« Isso é uma verdade, replicou João. Mas o « Fétil » também nos explica que onde há lutas e se conquistam vitórias, isso não se obra do acaso. »

« Está aqui cerca de 15 homens que trabalham em quase curtos tantos empregos, e todos são unânimes no desejo de nos unirmos e fazermos alguma coisa em defesa da classe. Se formosmos em cada empresa comissões com companheiros e companheiros activos, estaremos em melhores condições de mobilizar o pessoal para a defesa dos seus interesses e depressa todos verificarão o poder da nossa força. »

« Santos palavrões, lembrou em voz forte o tio Bernardo, cuja alegria perpassava a todos os presentes. Razão de sobra tenho eu para vos afirmar que isto não pode estar por muito... Mas há uma coisa que vos aconselho: é que não fiquemos só em palavras, armad a em retóricos. »

« Apoiado, disseram todos numa só voz. »

« Se me dão licença, objectou Ze Roia, apresentarei uma sugestão, de de acordo com a ideia manifestada por todos os presentes. Convidemos o pessoal de todas as fábricas da terra, não esquecendo as mulheres, para nos concentrarmos na quinta-feira no sindicato. Para isto ser possível, proponho que cada um dos presentes, desde hoje, envie os companheiros da sua fábrica e leve outros a fazer o mesmo. Todos concordaram. »

« E que pensam vocês do aumento de 40 por cento, perguntou João. »

« Para mim, responderam vários vozes, pouco dá. »

« O melhor, sugeriu ainda o tio Bernardo, é perguntarmos a todos os companheiros a sua opinião, para na quinta-feira se poder apresentar no sindicato não a opinião de meia dúzia mas sim o desejo de todos. »

Depois de aprovada a sugestão do tio Bernardo, cada um, mais confiante e decidido, dispôs-se dos seus companheiros.

IMPORTANTE VITÓRIA dos pescadores de Matosinhos

Mais de dois meses em greve estiveram os pescadores de Matosinhos em luta contra os grandes armadores, protegidos por Salazar. Noite e dia o Governo reforçou todas as suas forças e utilizou largamente o seu arsenal denegação para vencer os heróicos trabalhadores do mar, porque a vitória destes significa, no momento presente, uma vitória da classe operária.

Esta só foi possível devido à unidade dos pescadores e à solidariedade de outras classes, incluindo intelectuais e estudantes, o que permitiu a conquista de importantes regalias para a classe piscatória.

Explôdida lição de unidade de pescadores e belos exemplos de solidariedade laic moral, política e económica dos restantes trabalhadores — foram as duas condições que registamos e apontamos como essenciais nas colunas do nosso jornal.

Cursos de formação corporativa em vez de aumento de salários

Em vez de aumento de salários os trabalhadores portugueses são agora convidados a frequentar cursos de « formação corporativa », num edifício do Campo Grande, em Lisboa, alugado por 12 contos por mês, para esse efeito.

Alguns operários, iludidos na sua boa fé, supõem que o frequentar esses cursos dá lhes advirá qualquer benefício para si e à sua classe, esquecendo que 33 anos de Salazar só nos trouxe miséria e luto nos lares portugueses.

Os vinhateiros, os produtores de batata e do leite, toda a pequena agricultura e as massas trabalhadoras sabem e sentem quanto o corporativismo, através dos grêmios, tem arruinado a Nação, subindo o custo dos produtos, fomentando o mercado negro e o aumento do custo de vida. Através do corporativismo, pretende Salazar tirar-nos as mais pequenas liberdades que ainda nos restam.

Por estas verdades que ninguém deve esquecer — muito menos os trabalhadores — podemos afirmar, sem qualquer receio, que os « cursos » não se destinam a beneficiar os operários mas a proteger os grandes patrões que são os esteios do regime.

A viagem de A. Tomás ao Norte não foi para ouvir o povo

Americo Tomás, candidato de Salazar nos últimos eleições e que sem vergonha se apresenta como Presidente da República sem que para tal o Povo o tivesse eleito, veio ao Norte numa viagem de propaganda. Cortejos, bolões de gelo, recepções — milhares de contos arrancados ao povo, não fazendo já no aparelho e despesa de todo um aparelho repressivo e nos andanças da legislação à cota de manifestantes fáceis de enganar. Esta viagem está dentro do espírito que presidiu ao último discurso de Salazar e preside ainda a todos os discursos fascistas — apelo à unidade. O salazarismo, medida que sente cercarem-se as traves que se tornam um estorço desesperado para se recompor, como se fosse possível enfiar as traves carunchentas ao calciflor os ossos dum organismo moribundo. A. Tomás veio como propagandista.

No entanto, a classe têxtil debate-se com problemas graves que foram criados pelo regime. E o problema dos salários, da falta de trabalho e desemprego, dos direitos sindicais e a exploração patronal, etc.

A primeira tarefa dum governo deve ser resolver os problemas de interesse nacional e estes são os que dizem respeito às comadãs populacionais. Ora se a classe têxtil tem os problemas mencionados é lógico perguntar-se: veio A. Tomás na sua visita à região onde predomina a nossa classe responder aos problemas concretos que a afligem? Quando são aumentados os salários? Quando terminam os atropelos sindicais? Quando há garantias no trabalho, assistência, saúde, cultura?

Não. A. Tomás não veio responder a nada. Ao longo destes 23 anos de salazarismo a classe operária sabe já por hábito qual é a posição dos representantes do regime perante os seus problemas fundamentais. Fornecer os atropelos, aliar-se ao dolo de promessas e envolver por situações duras quando postos em bicos sem saída perante a cefaléia das massas laboriosas. Ou não teria sido esta a posição do M. das Corporações perante a classe têxtil de Tróiazenço?

Na A. Nacional, o Deputado Eng. Tomás, ao fazer o relatório de 1949 (verei a direita) referiu-se à nossa classe. Mais tarde, outro deputado também se referiu à crise que atravessa a indústria têxtil. Ambos tinham razão em muito do que disseram, mas nada de concreto foi feito até hoje para nos garantir o trabalho e aumentar os salários.

Também o presidente da Direcção do Sindicato Têxtil de Braga afirmou que o seu partido estaria disposto a dar um aumento de 40 por cento se o antigo aumentasse em 3 por cento. Estas posições, no fundo, indicavam-se todas — aprovação a situação da classe para em nome de outros e não o lucro ainda mais elevado?

Esta foi, sobretudo, a posição de A. Tomás. Não foi dito sobre as medidas a adoptar para resolver o nosso problema. A inauguração do Hospital de S. João, do Pêdico Nacional do Norte, do barroco de Paracel, o baptismo do

« Lobito », não respondeu a nada. A situação da classe operária continuará piorando se a isso não se opuser o nosso luta.

O povo do Norte, toda a classe têxtil, teve consciência disso. As apregoadas recepções na imprensa e na rádio são mais uma mentira, um esforço de sobrevivência. Houve em todo o Norte, à mistura com os vivos infantis dos crianças e comprometidos dos manifestantes a soldo, todo um silêncio pesado nas grandes massas, o gelo que caracteriza tudo onde falta vida e afecto humano. No Porto, Braga, Guimarães e Viana o povo reclamou através de dezenas de milhares de torções e legendas PAO, AUMENTO DE SALÁRIOS, AMNISTIA, DEMAISIAQ. DE S. SALAZAR. Os concorridos festejos de S. João de Braga ficaram este ano assinalados não apenas pelos balões festivos mas também por balões que eram os porta-vozes do anseio da povo e gritavam ao estranho visitante — BASTA. Em Felgueiras, inscrições gigantes nos estrados obrigam as autoridades a serem forçadas da última hora ao sentido de virem a lachada e escender do Presidente os ecos do descontentamento popular.

A viagem de A. Tomás não respondeu ao povo, à classe têxtil. Isto é uma prova de que só pela luta resolveremos o nosso problema.

FALAM OS NÚMEROS

— Segundo a informação vinda a público nos jornais diários, os saldos de 11 empresas totalizam 271.834 contos. Assim, os lucros confessados destas empresas foram superiores ao salário anual — trabalhando os 6 dias — de 35.500 operários têxteis.

— A célebrada protecção no trabalho no nosso País é tal que os números ni estão para mostrar o que há de verdade. Segundo as estatísticas d' « Tribunais de Trabalho », durante o ano de 1946 foram registados 400.000 acidentes de trabalho, 500 dos quais, mortais.

— No bairro Xangai, no Porto, vivem 180 famílias em barracões sem condições de habitação.

— Segundo o relatório da Ordem dos Médicos de Lisboa, « Portugal é o país da Europa com o índice de mortalidade por tuberculose mais elevado, 58 por 100.000 habitantes, enquanto na Holanda não vai além de 5 ».

Estes factos, entre um sem número de outros, desmascaram o Governo e as capas.

Túmes contra a repressão

Nossa periferia detec a mancha assustadora da luta do povo por melhores condições de trabalho. A luta da Nção se levanta contra a repressão crua e demonstra o exemplo recente do documento assinado por vários sacerdotes e enviado a Salazar a exigir Amnistia.

A classe têxtil que tanto tem reivindicado, não poderia ficar indiferente perante a luta que se desenvolve dia a dia. O seu orgão de unidade circular, esclarecendo e denunciando as arbitrariedades do regime e da exploração. Inpotentes, alguns colaboradores deuses arbitrariedades recorrem à denúncia, nostru lado cada-vez mais a sua cara.

J. P. Fernandes « Monte Negro », industrial de Póvidom, ao encontrar na sua empresa um operário a ler o « Têxtil » denuncia o facto à GNR, que o interroga e revêla.

A GNR de Lordelo prende 2 operários têxteis de Serzedelo. Em Vizeu são também interrogados 2 operários. Em Vila D'Áve, S.º Tiago, Fafe e outras localidades assiste-se a um reforço de vigilância concretizada em Póvidom com o aumento nas patrulhas de 2 para 4.

Esta situação reflecte a posição angustiada do iniano, que cada vez mais recorre à força para defender as suas posições de mando. Pretende com isto intimidar para suster ou impedir a luta da classe operária.

Toda a classe têxtil deve estar vigilante a esta manobra e não se deixar intimidar mas pelo contrário intensificar a sua luta, porque na intensificação, na cada vez mais ampla movimentação de qualquer classe está a melhor solução contra a acção desagregadora do iniano.

Toda a classe têxtil deve ainda margar a sua luta à repressão. Exigir a libertação dos companheiros presos. Protestar contra as prisões e interrogatórios e impedir mesmo que elas se dêem. Recolher solidariedade para os companheiros vítimas da fúria repressiva do regime e denunciar os covardes denunciantes.

Companheiros e companheiras! A luta da nossa classe não parará jamais. Toda a nossa energia a nossa voz.

RUBRICAS RECEBIDAS

Dois têxteis	2,00
Rolando	2,50
Têxteis de Áropa	1,50
Têxteis Verdelhos	36,00
Têxtil letra E	10,00
Um democrata	10,00
Uma operária têxtil	2,00
Um grupo de operários	7,50
TOTAL	71,50

INFORMACOES DAS EMPRESAS

A cidade dos cerdeiros dáteis em que a vida é tão difícil, assiste-se dia a dia, a uma situação que se agrava a cada dia. O crescente estado de pobreza e de miséria que se vive em Coimbra é um depurador de metais por parte dos patrões, no mercado como embanjos e dinheiro arrancado aos operários. Assim:

GUIMARAES — O patrão da empresa de Vila Feaca, comendador Fimeta Machado, realizou, para comemorar um baptizado, na sua vivenda de S. Torcato, uma festa, que pelo seu aparato constituiu um quântico insulto às condições de vida dos operários. Serviram-se pratos de nomes difíceis e de confecção cara, iguarias, vinhos e espumantes, houve fogo de artifício e música. Centenas de contos arrancados ao suor de quem trabalha.

Na fábrica da Molha, perante os murmúrios que reflectiam a vontade dos operários trabalharem no dia em que A. Tomás visitava a cidade, o patrão respondeu que os operários têm que esperar a Presidente da República fantecho.

BRAGA — Na fábrica de Celeirós, apesar de ter uma empresa pequena nem por isso a exploração é menor. Há operários a trabalhar com 4 teares e a ganhar 225 \$0.

COIMBRA — As empresas têxteis dos « limas » e « ideais » estão a trabalhar 3 dias por semana. Confirma-se o encerramento da fábrica de molhos « Mileno ».

VILA D'ÁVE — Na firma Oliveira Ferreira o mestre da fazelagem, Álvaro Machado, é um quântico cão de fila. Por uma simples discussão com um serralheiro sobe e demora na execução dum trabalho cranijão-lhe um castigo de 8 dias. Como posteriormente, porque o serralheiro achou o castigo injusto, voltassem a discutir, o operário foi despedido definitivamente da empresa. A consciência de Álvaro Machado estava de tal maneira segura que não hesitou em se fazer acompanhar por agentes da PSP no dia do despedimento.

Nesta firma os operários, a pretexto da « semana inglesa » chegaram a trabalhar 55 horas por semana em vez de 44. Apesar disso, os salários na sua classe trabalhada andam à volta de 30 a 350\$ semanais.

DELIAS — No posto nêdico de Delias o empregado recusou-se a entrar por 8, 10h. uma lista de consulta, mandando o operário sair porque ia fechar o posto. Como este se recusava a sair argumentando que estava na que pertencia aos cpe-óicos, o empregado mandou chamar a GNR que esposou a operária. Este, depois de se dirigir, ainda teve de comparecer no quartel da Guarda.

PORTO — Empresa SALGUEIROS. — A exploração e os roubos neste emprezo atingem fco de verdadeira escândalo. Há já algum tempo a direcção da empresa mandou retirar metade dos teares, alegando que os ia substituir por novos, o que até hoje não se deu. Isto resultou que os operários passaram a trabalhar com 4 teares. Com esse trabalho estante pagam-lhe uma média semanal de 120\$50 de salário, o que é uma miséria. Não satisfeito com isto, a gerência manda retirar 30 por cento de salário dos operários com a justificação de que a empresa não tem lucros e está a fazer sacrifícios para manter clara a conta corrente pessoal. Por outro lado, todos os motivos servem para aplicar multas que chegam a atingir por vezes 120\$03.

Contra estas ladroenias, os operários

têm exigido da gerência o salário completo e que foram-se ao IN.T. Recentemente apareceram os fiscais do INT na fábrica e juntamente com a gerência recorrem a vários indivíduos entre alguns operários e a obrigá-los a receber os cueiros. Com receio de serem despedidos, as cooperias calaram a verdade contra o seu próprio interesse, o que levou os fiscais, comprados pelo patronato, a fazerem ameaças e a dizerem que não recorrem a outros indivíduos.

Na fábrica AVENIDA também as operarias são submetidas aos mais variados roubos por parte do patronato. Na secção de estamparia trabalham ajudantes que fazem o trabalho de estomporarias e recebem 20 e 24\$00 quando o salário é de 34\$20. Há outras operarias que fazem este trabalho e ganham uma média de 19\$50. Por tudo e por nada, há muitas o, porque os relógios de contagem dos metros dos peços não funcionam bem, são as operarias que sofrem os consequências destas ovarias com multas de 10, 20 e mais escudos. Muitas das vezes os trabalhadores fazem 15 a 25 minutos de trabalho a mais sem que lhes sejam pagos. Entretanto, se chegam 2 minutos atrasados, ou não entram ou, se os deixam entrar, é para as mandar para casa da parte de tarde como castigo. No trabalho, as operarias estão sujeitas às mais variadas olinas e inimizades, protesto contra os roubos, alentos, etc., há 5 minutos do despedimento, o que leva os trabalhadores a dizerem que se vive em pleno regime de escravidão.

Na fábrica NOGUEIRA desde há muito que os trabalhadores vêm a ter roubados vergonhosamente. Entregam-lhes os envelopes dos férios com a importância escrita por fora, mas por dentro faltam sempre 10, 20, 30 e mais escudos. Perante os protestos de alguns trabalhadores, respondem-lhes que o melhor é calarem-se, porque o patrão está a fazer grandes « sacrifícios » para os manter e se lhes pagado é obrigado a despedi-los e o doo impredo é muito. Não satisfeitos com estes « sacrifícios » do patrão ladrão, vários operários foram ao sindicato protestar. O tesoureiro, que faz parte da gerência da empresa, respondeu-lhes que o patrão já puga de mais e que todos os operários não merecem o que ganham. Por aí as coisas devota andar os dinheiros do sindicato!

Que pensar destas arbitrariedades? Que são conseqüência dum regime que governa de costas voltadas para o povo. Operarias e operários da Salgueiros, da Avenida e da Nogueira, o vosso recibo aninha os vossos exploradores a roubar-vos ainda mais, protegidos pelos senhores do INT, que o mesmo é dizer pelo governo de Salazar.

Têxteis! Todos unidos, elegi Comissões competentes por companheiros honestos e firmes que, apoiados por todos vós, exijam que termine tão desagradável exploração. A vossa persistência, unidade e firmeza obrigarão o sindicato, o INT, os patrões e o Governo a atender as vossas justas reivindicações.